

HOMENAGEM

A presença de Marcos Silva

Júlio Pimentel Pinto¹



10.23925/2176-4174.v1.2024e66956

Recebido em: 03/04/2024.

Aprovado em: 29/04/2024.

Publicado em: 01/06/2024.

Marcos Silva foi uma pessoa digna. De quantos, com quem convivemos ao longo de 25 anos, é possível dizer isto, sem ressalvas?

Marcos Silva era implacável. Num mundo como o da academia, em que os eufemismos com frequência substituem as palavras claras, ele não hesitava em dizer o que pensava, mesmo que isso custasse, e custava, angariar antipatias ou inimizades.

Marcos Silva era provocador. E provocava em todos os espaços: nas reuniões departamentais, em bancas de avaliação de teses, em conversas breves nos corredores. Provocava, calculo, porque suas opiniões eram fortes, previamente concebidas e desenvolvidas, e ele pretendia desafiar o interlocutor, chamando-o para o debate. Porque Marcos foi, acima de tudo, um apaixonado pelo debate, pela troca de posições, pelo diálogo franco. Às vezes, é verdade, ele exagerava no tom. Mas logo em seguida retomava a fleuma e, sem deixar de ser incisivo ou ácido, transformava a alteração de minutos antes numa conversa amigável.

Marcos Silva foi um historiador notável e já nos anos 1980 fazia sua célebre tese sobre o Amigo da Onça, que ainda hoje é uma referência para quem trabalha com linguagens visuais na história. Basta compará-la com estudos mais recentes que

¹ Doutor em História Social (USP). Universidade de São Paulo. ORCID: 0000-0002-4617-9910. E-mail: juliop@uol.com.br

envolvem charges e caricaturas e se percebe a radicalidade e a atualidade do que Marcos propunha quarenta anos atrás.

Marcos Silva foi um incrível professor e orientador. Os relatos dos estudantes que seguiam suas aulas de Metodologia da História, História da Cultura ou História Social da Arte são em geral emocionados e reverentes.

Marcos Silva era um educador e seu empenho transcendia o espaço acadêmico, alcançava o ensino básico – a que tantos acadêmicos convenientemente dão as costas – e a disputa por políticas públicas. Entre tantas outras ações, ele deu consultoria para a educação pública do estado de São Paulo já nos anos 1980 e recentemente esteve na base de uma proposta renovadora do ensino nacional.

Marcos e eu nunca fomos amigos. Jamais dividimos uma mesa de bar. Nem nas duas ou três vezes em que, exaustos no pós-aula, nos encontramos no antigo Clube dos Professores da USP. Apenas nos cumprimentamos – cumprimento que, nestas e em outras ocasiões, vinha acompanhado do olhar afetuoso, de alguma palavra gentil e de certa formalidade, que também lhe era característica – e nos mantivemos em mesas separadas, ele diante da sua taça de vinho, eu com meu whisky, silenciosos, mas conscientes da presença cúmplice do outro.

Marcos e eu fomos colegas no Departamento de História da USP desde que lá ingressei como professor, em 1999, até sua morte. Porque mesmo aposentado, ele prosseguia ativo nas orientações e na participação em eventos e publicações.

Marcos foi uma das duas ou três pessoas mais inteligentes com quem convivi em mais de quatro décadas como professor. Sua argúcia, modelada às vezes pela ironia e pelo sarcasmo, sempre surpreendia. Suas brincadeiras moviam quem estava por perto. Sua presença – cuja falta, poucos dias depois de sua morte, já nos afeta – era uma alegria.

Obrigado, Marcos.